



SI. 2.124

# O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 298

Domingo | *Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta* | SERIE  
19 | *Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros* | 65.<sup>o</sup>

## O MEIRINHO.

Fortaleza, 19 de Agosto de 1883.

*A demissão de Alfredo Pedreira.*

Mais uma negra pedra lançada ao edifício da alimaria e bulhenta ignorância!

Ao lado sublime, gracioso da paz, ao imponente patel da rezignação, quando, bendilizadamente, mira-se o esfolhear destas dolcissimas virações — prazer e contentamento, surge, sempre, como que envolto em os mantos ou cobertores da maldade e da injustiça, o estúpido bolho do desespero — vêrme malevo voltado pela (espantalhosa garganta do escândalo e da vergonha).

E-n-a forçoso repelir os eutes, que, entre os homeus, se acobertam às roupagens leaes da verdade e da justiça, quando ao profundo de su alma sentem espreguiçar-se o córvo hybrido da maldade — immenso e augario terror dos seos co-racionaes.

Maldições eternas sobre aquelles que o bem desejam ao seio de seo lar, embora que esse velozmente fuja dos portaes da caravana do pobre, lugar este onde vela conscientemente e hora, que expantada passa ao fronte-espicio do palacio, doudeljante do olor asque-rozo da facineroza calva do magistrado, que mercadeija a dignidade, empres-tando os sentimentos.

Faz-nos isso ferir, ao ser-mos os es-pectadores da irrizoria scena, que, ultimamente, teve lugar no theatro do ridículo, n'esta capital: — a demissão do Sr. Alfredo Pedreira.

Foi injusto, vergonhosamente injus-to, o illustre magistrado da Policia: Ainda que desejasse este lançar sobre o pobre moço algumas de suas sempre promptas calumnias, fogir-lho-ha a aprovação da Familia Cearense; visto como é esta a teste-nugua dos actos re-

pugnantes que ha desenrolado, prezen-temente, n'esta capital, o retro Ba-charel.

Vergonha! Immoralidade!

Mutação na consciencia!

Tremendo escorregio no comprimento de dever!

Rouba-se, sem justo motivo, o pão de um honrado pai de familia, assim de dar a outro, um afeiçoadão, parente, sobrinho ou melhor acoisa de um serio cocheiro do Governo.

É triste! feio! uogento e inqualifica-vel!!!

O illustre Chefe, muito bem ha espre-reado a lei do paiz, e o necessário é que d'esta desmonte-se, por algum instan-te, assim de que não seja a vergonha das outras províncias, o famoso astro, que, enlaçado aos rigos da Liberdade, espalha as suas luzentas lagrimas ao im-menso coração do Brazil — o Ceará.

*Deficit rebus!*

Está uegramente ouvidado o desfran-dado procedimento do *destinto* Chefe.

« Nas pelejas do direito,

« O ferro que vará o peito

« Não encontra ao coração. »

Havemos de prezenciar, rezivelunente, o resultado da barbaria.

## LITTERATURA.

### MOTTE

(*A TROSAC.*)

Li os teos versos, poeta.  
Cada qual dá o que tem.

### GLOZI

A lúa tocava a metá  
Do seo sublime esplendor  
Quando eu cheio de amor  
— Si os tros versos, poeta.  
Fiquel quasi que pateta

as Bibliotecas Municipais  
Rua do Ouvidor, n.º 62

Rio de Janeiro

De vêr-te rhymar tão bem !  
Fazer versos quiz tambem  
Para em troca te off'recer ;  
Mas, ah ! não pude fazer ! ...  
— Cada um dá o que tem.

Fortaleza, 17 — 83.

Laffite.

## ALBUM DA CRITICA.

Leitores e leitoras do *Meirinho* ! —  
Salve ! ...

Que suas Exe. " passem muito bem é quanto eu falso em saber, porque só passa bem quem goza saúde e tem sua pacata boa no fundo. . . da mala.

Ora, muito bem.

*Do alto d'esta imprensa,*  
(Com licença do *Metâo*)  
Vou hoje pintar o sete,  
A saracura e Simão.

De pé espalhado.

§

Anda muita gente demandada com o *Meirinho* e commigo.

Que se arreijem, pois eu estou arranjado.

Não se, aílha a nenhum *catholico* que viva a fazer asneira, porque uma vez feita e por mim presenciada — está no *Meirinho*, e à pé de gallo.

O programmo do *Meirinho*  
A muito causa um abalo :  
— É comer coiro — bonito  
De com forca . . . à pé de gallo ! —

§

Reapareceram as taes de — rifas !  
E, ha aqui certa gente que parece viver exclusivamente desto genêro de especulação vantojosa.

Está dito !

Fazem uma colcha de *crochet*, mettem a na rifa uma, duas, tres e mais vezes, e quando chega alguém a tirar a — tem o desprazer de vel-a, mas por um oculo.

E d'esta maneira fazem na tal *colcha magica* a bagatella de um conto e mais de réis !

E muita especulação !

Cuidado, charos leitores,  
Com as rifas dos pecados,  
Porque no final das contas

Vocês são quem são rifados.

§

A dias circulou um boato de que o *Manivão* havia sido nomeado para juiz de direito de Jaguaribe meirim; mas até agora a couza não passou de boato.

Se isso vinher a realizar se, desde já dou os meus pezinhos aos *Jaguaribanos*, pelo prezente que lhes fez o Governo Imperial.

O tal *Manivão* é um tipo que tem tudo ruim com sigo, pois é até *capitão de campo*.

Vae te embora, *Manivão*,  
Volta à tua Parahyba,  
Vae vêr se mestre Gil *Braz*  
Está de papo p'ra riba.

§

Segundo corre pelas bocas das grandes, o *Ladislão* e o *Paivicula* estão esperando os seus despachos de juiz de direito: o primeiro de S. João do Príncipe, e o segundo talvez da Boixa da Egua.

Quanto a nomeação do *Ladislão*, ha quem diga que — pôde ser; — porém quanto a do *Paivicula* — está podre : traba, traba fida.

Se isto assim suceder — que fiasco badejo fiz o juiz de direito em brochura !

Se o juiz ioda em brochura,  
Puxa bem pela bestinha,  
Da contraria você suxa  
Forquilha num badejinha !

É à pé de gallo.

§

Quinta feira (15.), dia de N. S. da Assumpção houve um grande *bota-fôra* no Quartel do 11.º Batalhão de Infantaria.

Sabio poeira velha e o *lundú* leve o lugar de honra.

A branca folgou à pé espalhado; e o badejo andou de braço com ella.

Houve samba e samba grosso,  
O badejo se molhou,  
Até o mestre — Tarugo  
Também a cara arrochou.

§

Meus parabens, Sr. José Francisco dos Santos !

Pagou as suas assignaturas atrasadas — está nesse omig.

Assim é que procedem as pessoas de bem, ou quem não é caloteiro ou flante

de jornal!

Sim, Sr., seu José dos Santos.  
Você é um badejão!  
Pela ação que praticou  
Dê-me um aperto de mão.

§

Sr. C. O. — não queira abusar da bondade do Theotonio, do contrario tem que arrepender-se, porque elle não é seu pai para dar-lhe *Meirinho* — grates.

Depois não diga:

Esta gente do *Meirinho*  
É de raça brabazinha;  
Desgraçaram-me o *collete*  
Rimpero-me a camizinha.

§

Seu Claudio, des bonds, porque não veio trazer os cobres das assinaturas, que se acha a dever?

Isto não é procedimento de gente, que se preza.

Quaes! . Isto é molecagem, é filan., é gauderismo!

Seu Claudio, cara de fona,  
Seu cara de nó de peia,  
Faça tudo o que quizer,  
Mas não pratique ação fera.

§

Vai caminhando cynica e desbrida-mente a propaganda do Sr. *Lacy*, o moderno discípulo de *Belial*.

Portém elle só tem achado apoio entre meia duzia de bicos ou ignorantes.

Felizmente. E a prova está nas Corumbas, Souza Mellado, pardavesco Severo, anno e outras animalidades de igual pata.

A doutrina do *Lacy*,  
No v'lo que vai tomado.  
Tem feito muito progresso!  
— Progride — retrogradando! —

§

O Albino, enviado do *Lacy*, depois da surriada que soffreu lá em Baturité, diz — que nunca mais bodes ao Céo. —

Já, mestre Capão?! Muito cedo ripou-nos a missão de que fui encarada!

Ah! gente boa, só é a de Baturité!! . Se a d'aqui fizesse como ella — já os nossos *lacs* haviam mudado de rumo, e não andavam quebrando e queimando Imagens de Santos!

Está dito.

Povinho da Fortaleza,

Per vida de S. José,  
Imitaes um dia ao menos  
Ao povo de Baturité.

§

Vou concluir, leitores; e vou fazer o muito contente, pois sei que d'esta vez vamos ter homem em casa

Entenderam? Eu me explico: — tem chi no Bahia o nosso governador.

Que seja menos ruim do que os que temos tido — é o que basta. Amém.

O Rispo.

## GALERIA DO POVO.

### MOTTE.

Fui p'ra Ronche à pé de gallo,  
Voltei à pé espalhado;  
Quem me quer bem é feliz,  
Quem quer mal — está damnado.

### GLOZA.

A convite do Gonçalo,  
Morador na Mecejana,  
Num dia d'esta semana —  
— Fui p'ra Ronche à pé de gallo,  
Por não achar um cavalo  
Fui a um burrinho safado  
Tão tuim e estripiado  
Capaz de matar um Sinal...  
Passei lá um dia o tanto  
— Volti à pé espalhado.

Passei lá, como se diz,  
Uma vidoca de flores; —  
Encontrei lá me-s amores...  
— Quem me quer bem é feliz!  
Mil traquinadas lá fiz,  
Mesmo de pé espalhado!  
Chanfrai-me, e fiquei chanfrado,  
Mas só dizendo orgulhoso:  
Quem me quer bem é ditoso  
— Quem quer mal — está damnado!

9 — 8 — 83

O Desazendo.

†

### OUTRO.

Quanto número safado!  
Quanta gente sem vergonha!

### GLOZA.

Estou mesmo esbodegado,  
Mas vou glozar este Motte...  
Desde a Praia até o Garrote  
— Quanto número safado!

Oh ! povinho desbriado !  
Oh ! fuzinhos de pamonha !  
Até a prima Polonha  
Também usa da porqueira !  
Do Curral até a Feira —  
— Quanta gente sem vergonha

*Idem.*

†

#### OUTRO.

Nas narinas do Arreia  
Vi o Piolho — dormindo.

#### GLOZA.

Contou-me o Xico Thomas,  
Doutor em bisiologia,  
Que viu dormindo uma gata  
— Nas narinas do Arreia.  
Como isso mal não faz  
Vou dizer mesmo sorrindo —  
Que ao vir a aurora surgindo  
Lá das nuvens por detrás  
Nas locas de Aguaraz  
— Vi o Piolho — dormindo !

12 — 8 — 83.

*Pra Diabo.*

†

#### NÃO GOSTO... E GOSTO...

— Não gosto, já tenho dito,  
Do assignante — estradeiro,  
Que quer ler sempre o Meirinho;  
Porém sem gaster dinheiro.

Um cujo que assim pratica,  
Só mandado p'ra o Inferno !  
Já pedi ao Theotonio  
P'ra rascal o do caderno.

— Gosto, porém, do Hermíno,  
Que não assina jornal;  
Mais porém — se assignasse  
Era tipo — incalossal !

Gosto d'elle, e muito gosto,  
Gosto mesmo, e faço aposta;  
E embirro com o Curinga  
Só porque d'elle não gosta.

— Não gosto de namorado,  
Que tem a modinha sua —  
De viver beijando a bella  
Mesmo na porta da rua.

Não gosto, charos leitores !  
Não gosto !... Fico damnado !  
Quem assim faz ou pratica  
E multinho — descarado !

— Gosto muito do Furtado,  
Sujeitinho — brincalhão,  
Porque é tipo badejo  
Em ponto de amollação.

Quem não conhecer, leitores,  
O tal marreco Furtado —  
É capaz té de comel-o  
Por solteiro e não — caçado.

— Não gosto de seo Lacance  
Por ser tão economista  
Que chega a comprar cavallo  
Cujo preço nos contraria !

Só queria qu'esse meco  
Me dissesse — sem abelha;  
Para que a via ferrea  
Necessita d'um cavalle...

— Gosto de seo Tito Roche,  
Gosto de seo Rocha Tito,  
E por d'elle gostar muito  
Grito mais do que p'riquito.

Por gostar muito do Tito  
Vou fazer d'ele um abade !  
Este Titoinda termina  
Ou seito soldado ou frade.

— Não gosto do Messiano,  
Vizinho do — Bernardinho;  
Não gosto — por ele ser —  
Carcamano muito p'ro.

Não gosto ! digo e repito...  
Não gosto ! não é pilheria...  
Não gosto, pois este bixo  
É mesmo — marca miseraria !

— Gosto muito do Pompilho,  
Aquelle cara de mon,  
Porque este rapazinho  
É feianchão, mas é bom.

Houve aqui um certo tempo  
Qu'eu d'elle não gostava;  
Foi quando o mestre Libera  
Come feio — lhe chamava.

— Não gosto de moça pobre,  
Que só vive no chinfrim;  
E que por — variação —  
S'enterra no lapoim.

Porque sucede (isto é velho)  
Perder o pudor e peijo,  
E... no final do pagode  
Dar desfrute de sobejo !